



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Mandato 2021-2025

Ata n.º 6/2022

Sessão Comemorativa de 25 de abril de 2022

Aos vinte cinco dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e dois, pelas dez horas e trinta minutos, deu-se início à Sessão Solene Comemorativa do 25 de Abril, da Assembleia Municipal de Loulé, no Cineteatro Louletano, convocada ao abrigo do artigo quadragésimo do Regimento, presidida pelo Senhor Presidente da Assembleia, Carlos Jorge dos Santos Silva Gomes, com a seguinte Lista de Presenças e Ordem de Trabalhos:-----

-----**Lista de Presenças:**-----

21 Deputados Municipais do PS- Carlos Jorge dos Santos Silva Gomes (Presidente da Assembleia), Joana Guerreiro da Conceição (1.ª secretária), Fernando Pereira Marques (2º secretário), Maria Esteves Ferreira Lourenço, Carlos Manuel Pontes Costa, José João Magalhães David (em substituição de Vítor Cristiano da Piedade Ferreira), Pedro de Moraes Lobo Martins Julião, Elisabeta Ecaterina Necker, Abel Filipe dos Santos Matinhos, José Miguel Almeida Monteiro, Maria João Carapeto Tavares, Márcio Alexandre Bandeira Fernandes, Núria Inês Rey Machado, João Pedro Medeira Cabrita, Marco Jorge de Freitas Matos Ferreira, Joaquim João Pinheiro Pinto (Presidente da Junta de Freguesia de Almancil), José Fernando Florinda Carrusca (Presidente da Junta de Freguesia do Ameixial), Nelson Joaquim Caetano Brazão (Presidente da Junta de Freguesia de Boliqueime), Telmo Manuel Machado Pinto (Presidente da Junta de Freguesia de Quarteira), Carlos Filipe Gabriel de Sousa (Presidente da Junta de Freguesia de S. Clemente) e Analídio Correia da Ponte (Presidente da Junta de Freguesia de S. Sebastião);-----

7 Deputados Municipais do PSD- João Carlos Dias dos Santos, Bárbara Maria do Amaral Correia, Hélder Faísca Guerreiro (em substituição de Márcio Alberto Morgado Pires Rodrigues), Cláudia Isabel Martins Mendes, João José Paixão Carvalho Ferreira, Francisco André Pereira Rodrigues (Presidente da Junta de Freguesia de Salir) e Maria Margarida Renda Correia (Presidente da União das Freguesias de Querença/Tôr/Benafim);-----



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

2 Deputadas Municipais do Partido Chega- Sandra Marisa Godinho de Oliveira e Castro e Sandra Margarida de Melo Pereira Ribeiro; -----

1 Deputado Municipal do BE- Carlos José da Silva Martins; -----

1 Deputado Municipal do CDS- Isilda Maria Mendes Guerreiro (em substituição de António José Mendes Pinto Farrajota); -----

1 Deputada Municipal da CDU- Carla Sofia Osório Gomes; -----

1 Deputada Municipal do PAN- Ana Luísa Poeta Simões; -----

Também estiveram presentes o **Presidente da Câmara**, Vítor Aleixo, a Vice-Presidente, Ana Machado e os Vereadores, Abílio Sousa, Carlos Carmo, Marilyn Zacarias, David Pimentel, Cláudio Lima (em substituição de Rui Cristina), João Paulo Sousa e Fernando Santos.-----

Faltaram, sem se fazer representar o Presidente de Junta de Freguesia de Alte (António Francisco Ferreira Martins) e sem solicitar substituição, o Deputado Eleutério João Pedro Rocheta (PSD).-----

Organização da Sessão:

1- Abertura pelo Presidente da Assembleia Municipal;

2- Interpretação da "Grândola Vila Morena" pelo Grupo Musical Musi Kid;

3- Intervenção da Personalidade convidada:

"As Instituições Democráticas" por Carlos Albino

4- Intervenções dos Representantes dos Grupos Municipais;

- Partido das Pessoas, dos Animais e da Natureza (PAN)

- Coligação Democrática Unitária (CDU)

- Centro Democrata Social (CDS)

- Bloco de Esquerda (BE)

- Partido CHEGA (CHEGA)



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

- Partido Social Democrata (PSD)

- Partido Socialista (PS)

5- Intervenção do Presidente da Câmara Municipal;

6- Interpretação do Hino Nacional *pelo Grupo Musical Musi Kid*;

7- Encerramento pelo Presidente da Assembleia Municipal;

A Sessão Solene contou ainda com a participação conjunta, de elementos do Coro de Câmara e Coro das Seis do Conservatório de Música de Loulé. -----

O **Presidente da Assembleia Municipal**, Carlos Silva Gomes, abriu a sessão saudando os presentes, referindo-se ao programa da Sessão Comemorativa dos 48 Anos do 25 de abril; -----

“Bom dia a todos e a todas!

Senhor Presidente da Câmara Municipal, Vítor Aleixo, na sua pessoa saúdo todos os Vereadores do Executivo e da Oposição;

Senhores Presidente da Junta de Freguesia e da Assembleia de Freguesia de S. Clemente, Carlos Filipe e Manuel Batista, nas vossas pessoas saúdo todos os autarcas de Freguesia aqui presentes;

Senhores Deputados Municipais;

Caro Adriano Pimpão, na sua pessoa saúdo todos os anteriores presidentes de Assembleia e de Câmara Municipais;

Entidades civis, militares e eclesiásticas;

Organismos distritais aqui representados (e pela importância nas opções estratégicas do Município, permito-me saudar Adriana Nogueira, Diretora Regional de Cultura do Algarve e Nuno Marques, Diretor do ABC.

Representantes das diversas estruturas partidárias concelhias e distritais;



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Representantes dos Agrupamentos Escolares do nosso Concelho;

Representantes das Instituições Particulares de Solidariedade Social, Misericórdias, Associações Culturais Desportivas e de outra natureza;

Cidadãos aqui presentes e que nos acompanham pelas **redes sociais**;

Equipas de apoio à realização desta Sessão Solene: **Cineteatro, Língua Gestual Portuguesa, Audiovisuais e Gabinete de Apoio à Assembleia, Comunicação Social**;

E por fim, nesta data **tão indissociável da intervenção dos militares**, Sr. Comandante do Comando Territorial de Faro da GNR, Coronel Carlos Almeida, meu camarada e amigo, na tua pessoa, saúdo todos os militares aqui presentes.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

A todos o nosso obrigado.

Que melhor forma de **iniciar a nossa Sessão Solene Comemorativa do 48º Aniversário do 25 de Abril de 1974**, a Revolução dos Cravos, como foi batizada, do que a **ouvirmos o "Acordai"** - música de **Fernando Lopes Graça** com letra de **José Gomes Ferreira**, dois antifascistas e grandes lutadores pela Liberdade, interpretados através da participação conjunta de alguns elementos do **Coro de Câmara** e do **Coro das Seis do Conservatório de Música de Loulé - Francisco Rosado** dirigidos pelo maestro Tiago Horta.

Acordemos pois! Em tempos de incerteza como os que vivemos, temos de estar **despertos e atentos**.

A nossa **Democracia**, não sendo perfeita, tem de ser **defendida** contra as **tentativas de a descredibilizar**.

As **imperfeições e os desvios** das democracias ocidentais, ou muitas vezes dos seus **responsáveis políticos**, não podem ser pretextos para **pôr em causa** direitos, liberdades e garantias que levaram séculos a conquistar.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

As imperfeições e os desvios têm que ser combatidos e corrigidos através de maior participação, maior transparência, maior controle, em suma:

Com mais e melhor cidadania.

Os padrões de exigência em democracia têm que ser elevados. Têm que ser elevados por parte dos cidadãos e têm que ser elevados por parte das instituições democráticas, cuja essência é servir os cidadãos.

Ao proceder assim, estaremos a cumprir abril.

Numa data como a de hoje, não poderemos nunca deixar de referir que as Assembleias Municipais são uma das conquistas do 25 de abril e um pilar fundamental do Poder Local.

Antes da Revolução, não existiam Assembleias Municipais e a sua criação não pode deixar de ter a ver com o desejo de uma mais profunda democratização, uma maior participação, um maior controlo e uma maior fiscalização da vida política nos municípios.

E esse tem sido o papel das Assembleias Municipais desde que foram criadas e esse continuará a ser o papel primordial daquelas que são apelidadas de "Casas da Democracia".

Estas "Casas da Democracia" parafraseando Sophia, são filhas do "dia inicial inteiro e limpo" e certamente continuarão a fazer o seu trabalho para que a madrugada esperada continue a permitir que habitemos livres a substância do nosso tempo.

E porque falar do 25 de Abril em Loulé é quase impossível sem que nos venha à memória, de alguma forma, o nome e a figura de Joaquim Vairinhos, irei ler um trecho de um poema seu, intitulado "abril", após o que, em vez de um minuto de silêncio, homenagem que esta Assembleia já prestou na Sessão anterior, pedirei um forte aplauso.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

***Abril não está consolidado
abril é conquista da igualdade***

***abril não é um projeto acabado
abril é luta persistente pela liberdade***

***Utopia retórica de sonhos conquistados
Precisa de prática na realidade***

Por isso o apelo abril sempre !!!

Acompanhado de uma real e persistente vontade.

Joaquim Vairinhos

Em seguida ouviu-se o tema "Grândola Vila Morena" interpretada pelo Grupo Coral Infantil de Loulé, dirigido por Ricardo Silva.

A interpretação dos nossos jovens cantores foi antecedida do **som original da gravação** do programa onde foi passada a **senha** que deu a confirmação de que a **saída dos militares revoltosos dos quartéis estava confirmada e era irreversível.**

O **Movimento das Forças Armadas (MFA)** escolheu a Rádio Renascença para a transmissão da senha de confirmação da **operação militar contra o regime.** Assim, às 00H20 do dia 25 de Abril de 1974, no **programa "Limite"**, foi lida a **quadra da "Grândola", transmitida a canção "Grândola, Vila Morena", de José Afonso, e lida novamente a quadra.**

Esta foi a Senha que pôs em movimento o Movimento.

Foi um **jornalista louletano**, de seu nome **Carlos Albino** o responsável pela **conceção, pelo transporte e pela emissão da gravação.** Se esta missão tivesse falhado, **não teria havido saída dos quartéis, não teria havido golpe militar, nem a Revolução que se lhe seguiu.** **Pelo menos naquele dia...**



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

E é precisamente **Carlos Albino**, o convidado para esta Sessão Solene Comemorativa do 25 de Abril, para nos falar sobre o tema "**As Instituições democráticas**".

Carlos Albino, **ilustre louletano** e personalidade intrinsecamente ligada ao **25 de Abril** e aos seus **ideais**, vai ser apresentado formalmente na nossa Sessão pela **Joana Conceição**, 1a. Secretária da Mesa, que irá proceder à leitura do **Curriculum** do nosso Convidado.

Foi lida uma pequena **mensagem do Conservatório**; -----

"Da parte que nos toca, foi uma honra o convite endossado para a participação nestas comemorações. Este coro ("Coro das seis") existe apenas há alguns meses e foi criado com o propósito de abrir também à comunidade, de uma forma um pouco mais ativa, as portas do Conservatório. Teve a participação dos alunos do coro de câmara na realização destas gravações.

E naturalmente que sim, a gente vai continuar! E vamos continuar passando agora às intervenções dos Grupos Municipais." -----

Finalizado o seu discurso o senhor **Presidente da Assembleia Municipal**, convidou todos os presentes a cantarem a música **Grândola Vila Morena** de **Zeca Afonso**, interpretada pelo *Grupo Musical Musi Kid*; -----

Posteriormente, usou da palavra, a Personalidade convidada **Carlos Albino** com o tema "**As Instituições Democráticas**": -----

As instituições democráticas

Sobre aquela noite, aquela madrugada e aquele dia que então ainda não tinha um nome, passaram 48 anos. 48 anos é muito na vida de um homem, é pouco na vida das instituições. Estas são mais lentas do que nós, e por vezes mais resistentes do que a nossa própria vontade de as mudar.

E tanto mais resistentes as instituições são quanto mais nós perdemos a noção de que a lentidão e a inércia das instituições pode ser um efeito ou um fruto da nossa falta de empenhamento **no progresso**, na **ausência** de responsabilidade e participação nas causas públicas, **no afastamento** dos valores que devem caracterizar as pegadas humanas, designadamente a liberdade, o respeito pelas diferenças de opinião e de ideias, o seguimento do diálogo sem recurso à mentira deliberada, à falsidade, ao raciocínio doloso e ao engano como meio para atingir velozmente fins de poder.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Por isso, e para nos entendermos, convém lembrar que Portugal há 48 anos tinha atingido a perda dessa noção. O País estava rendido a que as instituições agissem sem escrutínio do seu poder, e agissem com a imposição dos meios, das condições e dos recursos desenhados por alguns poucos, diretamente interessados e usufruários da sobrevivência das instituições, nomeadamente a sobrevivência das instituições políticas. O País atingiu então o ponto zero da noção de pluralismo, e a sociedade de modo geral perdeu a vivência e até conhecimento do que poderiam e como deveriam ser ou existir os partidos políticos como elementos estruturantes das correntes livres de pensamento.

À beira daquela noite, daquela madrugada e daquele dia que então ainda não tinha um nome, muitos de nós, surpreendidos, desconheciam como haveria de ser a próxima noite, a próxima madrugada e os dias seguintes, sem instituições repressivas e concebidas para o controlo arbitrário e autoritário da vida dos cidadãos. A liberdade não era um valor, era desvio dos valores. A crítica não era o exercício indispensável para o aprimoramento da vida coletiva e das decisões que a todos deveriam comprometer, era ação subversiva e punível. O voto apenas era entendível como ratificação das decisões de quem nascera para mandar.

E quando se julga que se nasce para mandar, deseja-se o prolongamento do poder, e se tal fosse viável, desejar-se-ia até a eternização. Daí que nesse estado de coisas, substituir o poder era como que a sociedade perder o pai e a mãe, inculcando-se o medo por alguma noite de mudança, por alguma madrugada de concepção e gestação de novas instituições que fizessem a sociedade renascer, e inculcando-se o medo de algum dia em que a liberdade fosse inicial e a responsabilidade fosse limpa. Limpa o mais possível, claro.

Ora Portugal teve e continua a ter a justificada paciência para acompanhar a lentidão das suas novas instituições, não já corporativas, autoritárias e criminalizadoras do que era considerado desvios subversivos do pensamento e das suas várias expressões, mas resultado do voto livre, universal e secreto. Além disso, hoje, instituições escrutinadas abertamente no exercício de poderes próprios ou delegados. Temos instituições democráticas depositadas no banco do nosso futuro como bens e a render ou a aplicar de imediato.

Assim, sobre aquela noite, aquela madrugada, e aquele dia longo que ainda não tinha nome, passaram quarenta e oito anos. É por esse dia, já longínquo, que aqui estamos. E estamos em alegria, e em celebração, festejando alguma coisa que nos une como povo e nos define como país perante as outras nações.

Felizmente, hoje, quando se fala em Portugal, lá fora, não somos ignorados. Qualquer cidadão europeu ou de outro qualquer continente, ao ouvir o nome de Portugal, desde que os seus interesses sejam um pouco mais altos do que os do futebol, identificam-nos de imediato como aqueles tipos que fizeram uma revolução sem sangue, e muitos conhecem o símbolo do cravo vermelho, e alguns até conhecem a canção que foi, é, e será o seu símbolo – para nós a já cansada, e, no entanto, sempre moça, Grândola, Vila Morena.



Handwritten signature in blue ink at the top right, and a blue circular stamp or mark below it.

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Só depois disso, um ou outro poderá saber que afinal, cinco séculos atrás, também fomos aqueles que fizemos os Descobrimentos e demos a volta ao Mundo pela primeira vez. Mas isso aconteceu no mundo moderno dos séculos XV e XVI. No mundo contemporâneo, o que nos distingue e singulariza, é a Revolução, a passagem de uma ditadura dormente, caduca e fora do tempo, para um tempo novo e livre. Uma revolução que influenciou outras mudanças e outras revoluções, e deu formato aos movimentos da democratização que caracterizaram o último quartel do século XX. Mas, sejamos francos - se uma Revolução pode acontecer em um dia, uma democracia demora a implantar muitos dias, e as instituições que a sustentam, demoram muitos anos, e demoram muitas décadas para se alterarem, muito tempo para se limparem da sarna do tempo, e criarem novas faces. O tempo das instituições rola segundo um ritmo próprio, um tempo que se dilata no tempo. Elas são bem mais lentas do que nós, e por vezes bem mais resistentes do que a nossa própria vontade em transformá-las.

Quarenta e oito anos é muito ano na vida de um homem. Mas é relativamente pouco na vida das instituições.

E assim, não mais temos a Escola de cultura pedagógica, magistral e arcaica de antigamente. Agora temos uma Escola democrática que passou de 4 anos de escolaridade obrigatória praticamente para doze anos, e isso faz toda a diferença porque nos permitiu, hoje em dia termos uma população ágil, versátil, aberta ao mundo e ao conhecimento, mas o formato antigo que herdamos ainda pesa. Pesa na lentidão dos hábitos, pesa na ligeireza como se aborda a informação, como se pactua com a cópia, pesa na forma linear como se passa do mundo do livro para o mundo digital sem o devido anteparo, como se tem dificuldade em transformar o conhecimento escolar e mesmo acadêmico em **saber fazer, saber agir e criar**. E como da antiga escola em que se estava sentado, mudo à força, se passou para uma escola alvoroçada e sem paz, o que não passa da atualização do mesmo tipo de inação que nos atrasa. Pesa na falta de ambição que faz confundir, no plano universitário, o ter uma formação e apenas alcançar um emprego, em vez de gerar uma iniciativa **geradora de sabedoria e bem público**. Muito, mas muito, se mudou em quarenta e oito anos, mas alguma coisa do passado ainda nos resta para mudar no presente. E a Escola e a Universidade são a base de toda a transformação. Falar delas é falar de quase tudo. Só que a instituição é mais lenta do que a nossa vida e a nossa vontade. Em quarenta e oito anos mudou-se muito na Assistência e no Serviço Social, nos Serviços de Saúde, no controverso campo da Justiça. Mudou tanto que quase apetece dizer que mudou TUDO. Mas ainda não mudou tudo, não. São campos quase tão prioritários quanto o da Educação, mas também estes continuam minados por hábitos muito antigos. Vícios mais fortes do que o nosso desejo de uma boa aplicação. A antiga modorra dos procedimentos lentos, desprezíveis dos direitos à resposta, à agilidade, à igualdade de tratamento, a antiga forma da manutenção do silêncio manhoso, que cala, que omite e que adia, atravessa ainda todos estes campos fulcrais da nossa sociedade. O gosto estranho de fazer o cidadão sentir-se um zé ninguém,



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

diante da burocracia enrolada, herdada de um tempo senhorial em que o servo devia pedir de chapéu na mão, ainda se mantém nos institutos de assistência, nos guichets dos hospitais, nos portões dos tribunais onde se consomem vidas e fazendas sem fim. É a herança antiga que ainda mina as nossas instituições, que não deveriam já ter nada que lembrasse os anos quarenta do século passado, mas ainda têm, sim, e muito, desses tempos rurais, tão portugueses, tão formatados pela soleira da antiga sacristia e pelos bancos vigiados do senhor regedor. E, no entanto, passaram já quarenta e oito anos sobre a Revolução, sobre essa noite, essa madrugada e esse dia, então ainda sem nome, durante o qual os homens da minha idade pensaram que TUDO IRIA MUDAR no espaço de um escasso ano. Pelo contrário, assistir a esta lentidão tem sido duro, meus amigos. Duro, para quem muito sonhou e vê o fim da vida aproximar-se e só metade do sonho se cumpriu. Ainda assim, a metade que tem sido realizada é maravilhosa e vale muito a pena as comemorações festivas que se aproximam.

Aliás, é com uma alegria desmedida que vejo que finalmente todas as forças, da esquerda à direita, hoje em dia, celebram o 25 de Abril, assumindo essa data como a data da inauguração do tempo novo. É uma alegria perceber que os jovens estão dentro desta mitologia e que a expandem e a vivem. Não era assim há quinze anos. Há quinze, vinte anos, o dia quase passava desapercibido. Havia mesmo quem negasse o seu significado, havia quem se recusasse a pegar num cravo vermelho como se dentro de uma flor dessa cor existisse um lacrau que picasse. Havia quem, ao ouvir cantar a Grândola, pusesse a cabeça em baixo como medo de mover os lábios, como se ao se ouvir à **sombra de uma azinheira**, fosse uma impreciação. Esse tempo de receio passou. É maravilhoso perceber que os jovens políticos de hoje entendem que o 25 de Abril não foi realizado por um punhado de gente que se dispôs a tudo para mudar o “estado a que tínhamos chegado”, apenas para dar a voz a alguns, mas para dar a voz a todos. Todos os que se enquadram e respeitam a gramática da liberdade.

Pergunta-se - como aconteceu a mudança? Por que à beira de se completar cinquenta anos, a Revolução portuguesa volta a ser acarinhada pelos portugueses como a sua data cívica decisiva?

A resposta é complexa e tem muitas portas de entrada, mas eu diria que a razão mais forte é porque as nossas instituições jovens, ainda que minadas por vícios antigos, adquiriam a pujança suficiente para mostrarem que a democracia de pessoas livres é um caminho que progressivamente pode conduzir ao desenvolvimento e à paz. O mundo de hoje, clara e dolorosamente, divide-se entre os blocos democráticos e os blocos autocráticos. Hoje, no meio da Europa, na Ucrânia, uma guerra bárbara simboliza de forma cruel, o embate entre esses dois mundos. Está bem à vista o efeito trágico das ditaduras, da falta de liberdade de expressão e ao que conduzem. Creio que os portugueses, ao perceberem o que se passa no Continente de que fazem parte, compreendem, cada vez mais, dia após dia, aquilo que foi conquistado pelos seus pais e avós, há quarenta e oito anos atrás. Compreendem e defendem que nunca



[Handwritten signature]
[Handwritten symbol]

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

mais, um jovem nascido em Portugal conheça a ditadura, a censura, a deportação, a polícia política, a perseguição, e a prisão por crime de pensamento. Passaram quarenta e oito anos. Poucos anos para as instituições, longos anos para a vida de cada mulher e de cada homem. Quem participou do movimento daquela noite e daquela madrugada, não precisa de nada nem está à espera de coisa nenhuma. Apenas precisa de esperança para o futuro que será dos vindouros.

Carlos Albino

Finalizado o seu discurso o senhor **Presidente da Assembleia Municipal**, convidou todos os presentes a cantarem a música Grândola Vila Morena de Zeca Afonso, interpretada pelo *Grupo Musical Musi Kid*;-----

Intervenções dos Representantes dos Grupos Municipais; -----

Representante do Grupo Municipal **Partido das Pessoas, dos Animais e da Natureza (PAN)**, Deputada Ana Luísa Poeta Simões;

“Exmo. Sr. Presidente, da Assembleia Municipal
Exmo. Sr. Presidente, da Câmara Municipal
Exmas. Sras. e Exmos. Srs. Representantes das forças políticas com assento na Assembleia Municipal de Loulé, aqui presentes,
Exmo. Sr. Convidado,
Exmos. representantes das autoridades,
Exmos. Municípes, que nos acompanham aqui e em casa, pelas plataformas digitais
Meu querido filho
Faz hoje 48 anos que com a Revolução dos Cravos se pôs fim a 48 anos de um regime ditatorial e autocrático. É, por isso, dia de comemorar a liberdade!
Este ano, as comemorações de abril revestem-se, de uma maior simbologia, porque o tempo de liberdade atingiu a sua vitória temporal, tendo ultrapassado, no dia 24 de março, os 17.499 dias vividos em ditadura!
Hoje comemoramos 17.525 dias de Liberdade.
A Constituição Portuguesa, nascida de abril, reconhece-o e afirma que: “Todos têm direito a um ambiente de vida humano, sadio e ecologicamente equilibrado e o dever de o defender”.

O PAN surge desta necessidade emergente de defender a nossa casa comum!



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Porque “Tal como os ramos de uma árvore, todos crescemos em diferentes direções. No entanto, as nossas raízes continuam a ser as mesmas”.

E é nesta grande família, sustentada por um planeta a que chamamos Terra, que cada um de nós aqui presente, e os mais de 10 mil milhões de habitantes, continua a fazer os possíveis por sobreviver, prosperar e evoluir em conhecimento, educação e consciência.

O PAN há muito que compreendeu que, neste planeta azul globalizado, tudo se interliga e entrelaçada em relações de causa/efeito. Cada pequena ação que realizamos pode ter um impacto sistémico, naquilo que é o Todo: o ecossistema universal, do qual dependemos.

Hoje, conseguimos compreender este conceito quase de forma inata.

Sentimo-lo na pele recentemente com a pandemia e na forma como um vírus teve a capacidade de rapidamente atravessar oceanos e continentes para causar uma paralisação global.

Ou, ainda mais recentemente, na guerra da Ucrânia que tem levado a uma pressão sobre todo o sistema social, económico e produtivo causando impactos negativos na vida de cada um de nós, mesmo a milhares de Kms de distância.

No que toca à natureza e ecossistemas, também é assim!

E desde a sua criação que o PAN tem alertado para o mesmo. No entender do PAN, perante a interdependência de todas as formas de vida num único ecossistema, as agressões a qualquer pessoa, à natureza, ao meio ambiente e aos animais são **agressões da humanidade a si mesma**.

Citando Sérgio Godinho: só há liberdade a sério se houver paz! Mas a guerra voltou à Europa e fez-nos compreender a abrangência das suas palavras, que abarcam o medo, as decisões adiadas, a fuga, a morte e todas as consequências que se fazem sentir mesmo à distância de milhares de quilómetros.

A maioria de nós entende que nos extremos existem mais semelhanças do que diferenças... embora ainda exista quem recuse a fazê-lo.

Perante as bombas que caem sobre uma maternidade, o crime contra a humanidade é o mesmo, independentemente da corrente ideológica do mandante.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Só há liberdade a sério, se houver o pão, habitação, saúde, educação, esclarecendo que, sem ver assegurada a sua subsistência, a sua segurança, a saúde e a sua educação, o ser humano não se irá realizar enquanto cidadão ativo, que luta, todos os dias, pelo bem comum.

Sérgio Godinho compreendeu bem as condições deste tempo, neste país, que, reconhece o homem como um Ser com direitos universais, mas que se o obriga a ter de lutar diariamente para os garantir.

E, por isso, continuamos a lutar por salários que reconheçam a importância do trabalho de cada um e permitam viver com dignidade;

Continuamos a lutar pelo direito à habitação digna para todos

Continuamos a lutar por um sistema de saúde eficiente para todos;

Continuamos a lutar por uma escola pública de qualidade.

Acrescento: só há liberdade a sério se houver justiça acessível a todos os cidadãos.

Se houver direitos iguais para todos no acesso aos direitos e à liberdade. No acesso à democracia.

Sem discriminações de qualquer espécie. Porque, independentemente do género, da idade, da classe social, da proveniência, da etnia ou da orientação sexual, todos somos iguais num Estado de Direito.

Só há liberdade a sério se a Natureza for de tal modo respeitada, que seja garantida a sua preservação para a presente geração e para as gerações futuras.

Só há liberdade a sério se também todas as outras espécies forem protegidas de uma visão utilitarista, que subjuga os seus direitos às vontades dos homens.

Hoje, homenageamos os capitães de abril, que tiveram coragem de iniciar a revolução que nos traz hoje também à Celebração dos 46 anos da Constituição da República Portuguesa, a nossa primeira constituição democrática.

Homenageamos, os homens e as mulheres de abril, que, com coragem, força e honra, nos trouxeram “o dia inicial inteiro e limpo”.

Homenageamo-los, sobretudo, perpetuando a sua obra, na luta pela liberdade e pela democracia, dispostos para desempenhar o nosso papel de cidadãos ativos e conscientes de que a liberdade também dói, sempre que entendemos que não a podemos tomar por garantida.

A caminhar para os 50 anos do 25 de abril, numa altura que temos mais dias de liberdade do que totalitarismo, é bom lembrar que abril trouxe lugar à autodeterminação de sonhar um futuro mais risonho;

Trouxe-nos a democracia: que com todas as suas imperfeições continua a ser o melhor sistema de governança onde todos partilhamos direitos e deveres.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Abril sonhou um estado social, um serviço de saúde universal eficaz e uma verdadeira Educação, inclusiva e diversa. A obra não está concluída, e tem sofrido inúmeros ataques, mas nasceu com abril.

E sem abril, eu, mulher, mãe, deputada, não estaria aqui hoje, perante todos vós, a defender o que acredito – a minha liberdade, a nossa liberdade.

Abril foi feito em Portugal, mas os seus valores são universais e devem estender-se a todos os povos que hoje sofrem às mãos de autocratas, oligarcas e regimes totalitários.

A soberania de um povo democrático deve ser respeitada!

Abril foi feito de cravos e ainda bem, mas quem participou estava preparado para as balas!

E se abril tivesse sido feito de balas estaríamos na mesma aqui, porque embora pacifistas, há valores que se levantam e que impelem à ação. Como pode haver paz, profunda, genuína, interior e coletiva se no nosso peito o que sentimos é pressão e pesar pelo domínio de um regime opressor?!

Vivemos tempos difíceis, e embora desejemos o melhor, o bom senso deve fazer-nos esperar pelo pior.

Nesse sentido, é importante repensar a forma como vivemos e dependemos de fatores externos, sobre os quais pouco ou nada podemos fazer.

A impotência é uma prisão e perante a complexidade geopolítica global, muitas vezes nada podemos fazer e sentimos que não passamos de grãos de areia na praia onde nos cai todo o tipo de rebentação.

No sentido de evitar cenários macroeconómicos negativos e envolver todas e todos, respeitando o nosso conhecimento e cultura, específicos da nossa história e território, precisamos inverter esta realidade e trabalhar em planos que privilegiam a economia circular e circuitos curtos, o desenvolvimento local sustentável, que permitam garantir a nossa soberania alimentar, fomentando projetos agrícolas de menor escala, familiares, adaptados à nossa realidade, aos nossos recursos hídricos e clima.

Uma produção local, sazonal, com princípios regenerativos e protetores do nosso património natural que é a paisagem mediterrânica, dos ecossistemas e da biodiversidade, como seja a agricultura biológica baseada em policulturas, as agroflorestas, e outros métodos baseados em conhecimentos ancestrais, com técnicas que vão se perdendo na memória dos que partem.

Os problemas com que nos deparamos são novos, mas as formas que escolhemos para os resolver são as mesmas de sempre.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Tentamos resolver um problema criando outros maiores. Falta-nos uma visão sistémica.

Precisamos de políticas que incentivem o autoconsumo e produção de energia; precisamos usar todos os milhares de Km² de áreas impermeabilizadas, perfeitas para o efeito, em vez de destruir o nosso território natural.

Este caminho, ao qual o PAN tem vindo a alertar, já deveria ter sido percorrido.

Em todo este processo de reinvenção, temos que manter sempre presentes os desafios das alterações climáticas originados por uma ação humana irresponsável assente em objetivos mundanos de poder e de lucro e nos princípios do produtivismo e do extrativismo.

Já nos diz Sir David Attenborough: "Quem acredita em crescimento infinito num Planeta fisicamente finito, ou é louco ou economista."

O PAN defende uma sociedade onde todos os seres sencientes, humanos e não humanos, possam viver numa harmonia tão ampla quanto possível, com bem-estar e felicidade.

Valores bem presentes na mensagem de abril!

25 de abril sempre, em todo o Planeta. Glória ao 25 de abril!"

- Representante do Grupo Municipal **Coligação Democrática Unitária (CDU)**,
Deputada Carla Sofia Osório Gomes;

Exmos. Senhores,

Presidente da Assembleia Municipal,

Presidente da Câmara Municipal,

Vereadores Municipais,

Deputados Municipais e Presidentes de Juntas de Freguesias,

Caro convidado e Exmo. Público.

Hoje assinala-se o quadragésimo oitavo aniversário da revolução do 25 de abril de 1974.

Só também por estes dias ultrapassámos em liberdade a quantidade de dias em que Portugal viveu sob o terror fascista.

Há 48 anos aconteceu uma revolução. As forças militares tomaram o poder e o povo, todo o povo, nas ruas, numa explosão de liberdade, impôs o sentido do poder revolucionário.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Com a revolução foi deposto um poder fascista e opressor e o Movimento das Forças Armadas e o povo português substituíram-no por um regime de liberdade e de democracia.

Há 48 anos houve a revolução que libertou antifascistas presos e extinguiu uma polícia política torcionária e criminosa, a PIDE/DGS, em cujas prisões muitas mulheres e homens e foram violentados, agredidos e mortos por terem opiniões diferentes da opinião fascista que a ditadura salazarista queria unânime.

Há 48 anos houve a revolução que terminou com a censura e com os lápis azuis que eram o timbre dessa censura e devolveu ao povo, aos jornalistas, aos intelectuais a liberdade de expressão, a liberdade de se poderem reunir, a liberdade de poderem participar, de se poderem manifestar, a liberdade de se poder dizer o que se pensa onde

quer que se esteja usando a liberdade de se respeitar o pensamento dos outros.

Há 48 anos houve a revolução que trouxe ao povo português liberdade de organização e de luta.

Luta por mais pão,

Luta por saúde,

Luta por educação e ensino,

Luta por igualdade e por justiça,

Luta por melhores salários,

Luta por habitação, e por melhores condições de vida,

Luta pelo progresso para todos!

Há 48 anos houve a revolução que terminou com uma guerra colonial que o povo português e os povos das colónias não queriam e onde morreram ou ficaram incapacitados muitos dos seus filhos mais jovens.

Por todos estes factos e outros não referidos aqui mas que perduram, e são parte do nosso conhecimento e importantes para a nossa vida democrática, que se comemora a revolução de 25 de abril de 1974, enquanto processo libertador com profundas transformações na sociedade portuguesa e um dos mais altos momentos da vida e da história do povo português e de Portugal.

Comemorar o 25 de abril de 1974 é não deixar esquecer os militares de abril que daqui saudamos.

É comemorar uma das suas grandes conquistas - a Constituição da República Portuguesa - considerada uma das mais progressistas do mundo, e exigir que se cumpra o que ela consagra e determina.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Comemorar o 25 de abril de 1974 é defender e valorizar o poder local democrático - hoje ameaçado, pelo subfinanciamento, pela sua descaracterização por via da transferência de encargos, pela ingerência tutelar, pela instrumentalização que o reconduz, em parte, a mero executor técnico das opções de terceiros.

É exigir que se devolva ao povo as freguesias liquidadas contra a sua vontade, repondo a proximidade, a participação e a representatividade.

Quando hoje ouvimos repetir por aí, a propósito do 25 de Abril, que o que faltaria agora seria «fazer o que ainda não foi feito» percebe-se onde querem chegar. Não é o sentido mais avançado, justo e progressista que aspiram ver retomado, não é um país liberto do poder de dominação dos grupos económicos assegurado por interpostos representantes e não submetido à dependência e aos interesses da União Europeia. Não, não é o que querem. O que aspiram é levar mais longe a concretização dos seus projetos de subversão do regime democrático, de ver a Constituição da República adequada aos seus objetivos de empobrecimento democrático, aos seus dogmas liberais e de livre pilhagem capitalista.

Quando alguns dos inimigos da revolução, mesmo que dissimulados e enfeitados de cravo na lapela, proclamam hoje que o 25 de Abril «não tem donos» é bom lembrar-lhes que Abril, sendo património do povo português, tem no povo, de facto, o seu único dono mas tem no caminho para a sua construção obreiros concretos que o tornaram realizável e cuja ação tem de ser valorizada e reconhecida.

Abril deve ser celebrado a olhar para o futuro, projetando as conquistas e os valores que plasmou, convocando as energias e alegria de viver e de lutar pela construção de um Portugal desenvolvido, de progresso, de paz e soberano.

Mais cedo que tarde, o Povo encontrará na esperança de Abril o futuro do nosso país. E serão cravos os alicerces dessa construção.

Como disse o saudoso poeta José Carlos Ary dos Santos

"Isto vai meus amigos isto vai
um passo atrás são sempre dois em frente
e um povo verdadeiro não se trai"

Viva o 25 de Abril!

- Representante do Grupo Municipal **Centro Democrata Social (CDS)**, Deputado António José Mendes Pinto Farrajota;



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

“Exmo. Sr. presidente da Assembleia Municipal
Sr. Presidente, da Câmara Municipal
Exma. Vereação
Sr. convidado Carlos Albino
Representantes das diversas Entidades Oficiais
Exmos. Srs. e Sras. Deputados/as Municipais
Exmos. funcionários da Assembleia Municipal
Exmos. funcionários deste cine teatro que tornaram possível a realização neste local
desta comemoração
Exmos. Srs. da comunicação social
Exmos. Munícipes

Nem sempre o mesmo acontecimento é interpretado de forma clara e uniforme pela sociedade. o 25 de abril é disso um claro exemplo.

para uns o significado do 25 de abril tratou-se de acabar com a ditadura, instaurar um regime democrático acabar com a guerra colonial concedendo às colónias a sua autonomia política, foi o que constou no programa das forças armadas.

estes objetivos, como se viria a verificar, encerravam diversas dificuldades conhecidas sobretudo por aqueles que as viveram, mas que obtiveram a concordância quase generalizada dos portugueses. Por outro lado, a ambição e tentação de chamar a si e só a si o futuro da nação, de forças políticas que se opunham a uma democracia plena regressando a novo regime totalitário, para o qual se caminhava, desvirtuava a essência do 25 de abril.

Caminho esse que terminou no 25 de novembro de 1975 data desgraçadamente ignorada por sucessivas governações que veio repor e consolidar de vez, assim esperamos a democracia. Este facto histórico ocorreu com duas componentes.

Uma militar e uma outra política, mas também civil «com relevo para participação militar de Jaime neves e Ramalho Eanes, bem como de muitos outros e todos os partidos verdadeiramente democráticos. “a verdade não se importa de ser questionada, mas a mentira sim.” Recordamos também de alguns nomes que deram apoio ao 25 de novembro. Mário Soares, Sá Carneiro e Freitas do Amaral. não resisto a mencionar Fernando Pessoa:

“quem tem a coragem do bem fazer, deve ter a sabedoria de suportar a ingratidão. aprender que nem todos se regem pelos mesmos princípios é um dos principais passos para evitar a frustração”. e isso, dizemos nós, constitui parte da democracia. ou ainda Tolstoy; “não existe grandeza onde não há verdade e humanidade”.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

aprendemos de uma forma simples que a água tem o ponto de ebulição aos 100 graus, mas será de facto assim?

A água ferve a temperaturas cada vez mais baixas á medida que a pressão atmosférica diminui e mais alta quando essa pressão aumenta.

Tal como a água a democracia não é rígida nalgumas áreas, possui uma elasticidade que permite adaptar-se e moldar-se ás circunstâncias do tempo. a qualidade da democracia também é variável dependendo da capacidade de quem nos governa e dos imponderáveis da vida como atualmente vemos noutra parte do mundo e que o afeta no seu todo. Tudo isto é relevante se desejarmos pensar com seriedade sobre o destino que pode estar reservado à democracia. Desde há quase 80 anos, as democracias, onde elas existem, têm-se mostrado fortemente estabilizadas. Caímos na armadilha se pensarmos que estavam para ficar. mas agora há boas razões para recearmos que o mundo que conhecemos seja tão variável como a temperatura a que a água ferve.

Se arriscarmos um prognóstico com conhecimento do futuro da democracia, temos de identificar ao que os políticos científicos chamaram as “condições de observação.” Será que a estabilidade passada da democracia foi o resultado de condições que já não existem? E se é assim, como poderá a erosão dessas condições explicar o que tem estado a acontecer nas últimas décadas e ajudar-nos, aos verdadeiros democratas, descobrir como poderemos ser capazes de escapar ao destino sangrento que aparentemente nos espera?

Na nossa opinião perfilam-se pelo menos três dessas condições:

Primeiro a posição dominante dos media limitou a propagação de ideias extremas, criou um conjunto de factos e valores partilhados e abrandou a disseminação de notícias falsas. Contudo a ascensão da internet e das redes sociais tem enfraquecido estes guardiões tradicionais, dando poder a movimentos e políticos que costumavam ser marginais.

Segundo, ao longo de toda a história da estabilidade democrática, a maior parte dos cidadãos beneficiou de um aumento rápido do seu nível de vida e tinha grandes esperanças num futuro ainda melhor. Muitos cidadãos vêm a sua vida estagnada e já receiam que o futuro lhes traga dificuldades acrescidas.

Por último quase todas as democracias estáveis ou foram fundadas em nações monóéticas ou permitiram que uma determinada etnia se tornasse dominante. agora este desafio enfrenta cada vez mais desafios. Este desafio implica estarmos atentos e vigilantes em alerta constante.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Concluimos lembrando Churchill “uma mentira dá volta ao mundo antes que a verdade vista as calças.”

Alguns excertos e ideias deste discurso foram retiradas de um livro sobre a liberdade, o povo e a democracia em perigo.

Viva a liberdade

Viva o 25 de abril

E viva a nossa pátria.

- Representante do Grupo Municipal do **Bloco de Esquerda (BE)**, Deputado Carlos José da Silva Martins;

“Digníssimo Carlos Albino

Senhor Presidente da Assembleia Municipal

Senhoras e Senhores Deputados Municipais

Senhor Presidente da Câmara Municipal

Senhoras e Senhores Vereadores e restantes Autarcas

Exmos. Convidados, Autoridades e Dignatários

Comunicação Social

Minhas Senhoras e meus Senhores

Notas breves

Há dias, nesta sala Sérgio Godinho, **brindou-nos com as suas belas canções e “com um brilhinho nos olhos” cantava “a Liberdade está a passar por aqui” e hoje, em Liberdade aqui voltamos para festejar abril, acordados e “enquanto houver pernas para andar”.**

Como cidadão e militar de abril, da Escola Prática de Transmissões em Lisboa, sinto-me grato, emocionado e orgulhoso e saúdo todos aqueles (oficiais, sargentos e praças) que participaram na libertação do povo português restituindo a liberdade e criando condições para acabar com a guerra colonial.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Aproveitar igualmente para prestar homenagem a Joaquim Vairinhos, o político, autarca, professor e humanista pelo trabalho realizado em prol deste concelho de Loulé, cuja ausência sentimos com saudade.

Minhas Senhoras e meus senhores, em nome do Bloco de Esquerda, saúdo todos os presentes e aqueles que nos acompanham nesta sessão comemorativa dos 48 anos do 25 de Abril de 1974, num ambiente de alegria e em **Liberdade acompanhados com cravos vermelhos símbolo da Revolução “que a muitos dá jeito” e de cara limpa e sem máscara, É tão bom voltar a ver os sorrisos estampados nos rostos dos portugueses.**

A Liberdade chegou, venceu e hoje, pela primeira vez comemoramos o 25 de Abril com mais dias de Democracia do que em ditadura. Os Portugueses conheceram bem essa realidade vivendo debaixo de uma feroz ditadura fascista durante 48 anos. privados de Liberdade e dos mais elementares direitos.

“Democracia perfeita não há, mas ditaduras eficientes já as tivemos” recordou há dias o sr. Presidente da República.

Embora as sociedades democráticas não sejam perfeitas (ninguém é perfeito), Portugal dispõe de Instituições Democráticas credíveis que têm por missão fazer cumprir a Constituição da República e dar continuidade aos valores de abril, para garantirem um serviço público de qualidade, exercido com celeridade e transparência ao serviço de todos os cidadãos. Os órgãos do Poder Local no exercício das suas competências e em proximidade com as populações, têm obrigação de contribuir para uma sociedade mais justa e amiga do ambiente, reforçando a coesão territorial e fomentando a democracia participativa aproximando os eleitos dos cidadãos.

Nestes 17.532 dias de Democracia política muitas foram as conquistas políticas, económicas, sociais e culturais que devemos saber preservar. A liberdade de imprensa e de expressão, a instauração da democracia, o direito à greve, à associação e manifestação, o salário mínimo, a redução do horário de trabalho, a construção do Estado Social assegurando a democratização do direito à Saúde (SNS), à Educação, à Segurança Social, a consagração dos direitos das mulheres à igualdade, o reconhecimento dos direitos de minorias, a institucionalização do exercício democrático na livre escolha dos órgãos do poder local, a consolidação do Estado de Direito Democrático, baseado na soberania popular são hoje uma realidade que transformaram radicalmente o nosso modo de viver e de sermos Povo.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Sabemos que para muitos esta data – 25 de abril de 1974 - não passa de uma simples associação à liberdade. Muitos não sabem. Falam apenas em liberdade, cravos... e mais um feriado, que, infelizmente para a juventude, tem perdido significado, por não terem consciência do que nele se comemora – a libertação de um povo!

O levantamento militar do dia 25 de abril de 74 derrubou, num só dia, o regime político que vigorava em Portugal desde 1926, sem grande resistência das forças leais ao governo, que cederam perante o movimento popular que rapidamente apoiou os militares. Este levantamento é conhecido por Revolução dos Cravos ou Movimento dos Capitães, na sua maior parte militares, que tinham participado na Guerra Colonial Guerra.

Considera-se, em termos gerais, que esta revolução devolveu a liberdade ao povo português e deu fim à guerra colonial causa de tanto sofrimento, de morte e de doenças ao longo da vida, uma guerra que violava os direitos humanos e levava à opressão.

No dia 24 de abril de 1974, um grupo de militares instalaram-se secretamente no posto de comando do movimento, no quartel da Pontinha. Às 22h 55m é transmitida a canção "E depois do Adeus", de Paulo de Carvalho, sendo um dos sinais previamente combinados e que despoletava a tomada de posições da primeira fase do golpe de estado. O segundo sinal foi dado às 0h20 m, quando foi transmitida a tão conhecida canção "Grândola Vila Morena", de Zeca Afonso, pelo programa Limite, da Rádio Renascença, que confirmava o golpe e marcava o início das operações. Está entre nós o fiel depositário dessa tão nobre senha, Carlos Albino, à época Jornalista e orador convidado desta sessão.

O golpe militar do dia 25 de abril é a única Revolução do Mundo que se conhece que, no dia em que afrontou o poder instalado de uma ditadura de 48 anos, não causou qualquer vítima mortal. (conhecidas 5 mortes provocadas pela PIDE). Faz hoje 48 anos!

A Constituição da República Portuguesa garante o cumprimento dos valores de Abril e define (2 do artº7) os princípios como Portugal se rege nas relações internacionais, apontando para "o desarmamento geral,(...), a dissolução dos blocos político-militares (...) com vista à criação de uma ordem internacional capaz de assegurar a paz e a justiça na relações entre os povos" e assim deve continuar.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

A ofensiva militar em curso, iniciada pela Federação Russa, na madrugada de um outro, muito diferente dia 24, no caso em apreço de fevereiro, sobre o Estado Ucrainiano, constitui sob qualquer ponto de vista e de análise uma invasão ilegal, uma agressão intolerável à integridade territorial de um Estado Soberano, uma ameaça direta à democracia, à paz e à segurança na Europa e no mundo, uma grosseira violação do direito internacional.

Agora, vemos um Estado invadir outro, o que de facto nos deve levar a perguntar, como escreve Boaventura Sousa Santos: “Como chegámos aqui?”. Aqui chegados, no meio de uma guerra em direto nos media, cheia de meias verdades e muitas falsidades, cumpre afirmar e reafirmar a resolução diplomática dos conflitos sob a égide da ONU, a defesa das fronteiras internacionalmente reconhecidas, o direito dos povos, todos os povos, à autodeterminação, ao desenvolvimento, à justiça e à paz.

Recentemente, a Assembleia Municipal de Loulé, manifestou de forma unânime, o seu veemente e inequívoco apoio ao povo ucraniano.

A Europa está, como então esteve Portugal, a tentar impedir a escalada do problema e a inundação do velho continente numa guerra inútil, sem origem nem fins claros e Portugal pode bem ser inspiração e mote para uma Declaração de Paz.

Esta situação tem de ser encarada com realismo e coragem, pois pensamos que ela corresponde não só aos verdadeiros interesses dos povos europeus, como ao seu autêntico destino histórico e aos seus mais altos ideais de justiça e de paz.

Senhores e Senhores

Orgulhamos do percurso percorrido, sem ignorar de que muito ainda há para fazer para tornar Portugal num país mais desenvolvido, com mais justiça social, maior dignificação do trabalho e das relações laborais, com mais direitos, melhores salários e menos precariedade, dando especial atenção aos idosos, crianças e jovens assegurando melhores pensões e apoios sociais às famílias, melhorando o SNS, incentivando a natalidade e assegurando a acessibilidade a habitação condigna a preços acessíveis, defendendo o ambiente num combate sério contra as alterações climáticas.

Somos todos convocados para a construção da Democracia plena onde a Democracia Representativa, conjugada com o pleno do exercício da cidadania reforçando a Democracia Participativa, onde cada português exerça o direito de decidir e expressar, contribuindo para a reinvenção do devir coletivo.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Estaremos nesta luta sempre inacabada e permanente, vencendo a indiferença e o conformismo, onde esperamos contar com a participação ativa e empenhada de todos os munícipes e de cada um dos autarcas eleitos no nosso concelho.

Deixo-vos em Liberdade com Sérgio Godinho:

“Vivemos tantos anos a viver pela calada

Só se pode ter tudo quando não se teve nada

Só há Liberdade a sério quando houver

A Paz, o Pão, Habitação, Saúde, Educação

Só há Liberdade a sério quando houver

Liberdade de mudar e decidir”.

VIVA A LIBERDADE! VIVA O 25 DE ABRIL!

- Representante do Grupo Municipal do **Partido CHEGA (CHEGA)**, Deputada Sandra Marisa Godinho de Oliveira e Castro;

“O Partido Chega associa-se, naturalmente, a esta solene comemoração dos 48 anos do golpe militar que no dia 25 de Abril de 1974 derrubou o regime da 2ª República e o governo liderado pelo Professor Marcelo Caetano, abrindo, desta forma, as portas à possibilidade de instauração de um regime democrático.

Muitas foram as vicissitudes e as convulsões que o país passou durante os 19 meses que se seguiram e que culminaram, graças a Deus e ao prodígio de um punhado de homens, no dia 25 de novembro de 1975 com o movimento militar que pôs termo ao famigerado PREC-Processo Revolucionário em Curso.

Na realidade, os militares que conduziram o golpe militar de 25 de Abril de 1974, não eram um grupo homogéneo com uma linha de pensamento definida. Nesse grupo havia pessoas que sonharam instituir em Portugal um regime de democracia parlamentar, mas também havia outro grupo que tinha como homem de mão e operacional Otelo Saraiva de Carvalho e o seu COPCON, que pretendiam com a ajuda



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

da extrema esquerda comunista, Stalinista, Trotskista e Maoista, instituir em Portugal um regime ditatorial de inspiração Marxista-Leninista, na esfera de influência da extinta URSS e da China.

Sim, festejar o 25 de Abril de 1974 em liberdade é hoje possível graças ao 25 de novembro de 1975. Sem ele, estaríamos hoje a viver numa feroz ditadura, porventura parecida à que existe por exemplo na Coreia do Norte, tão ao gosto de alguns dirigentes do Partido Comunista Português.

Assim, festejar o 25 Abril de 1974 é apenas celebrar metade da história. A celebração do 25 de Abril de 1974 muito ficaria a ganhar se fosse possível celebrar de igual forma e com a mesma dignidade o 25 de novembro de 1975.

Tal celebração, é bom recordar, não teve vencimento nesta Assembleia Municipal de Loulé.

Dizer que o 25 de Abril é o dia da liberdade só estará correto se lhe introduzirmos a correção de trajetória imposta pelo 25 de novembro de 1975

Não poderemos esquecer e não esqueceremos nunca os 19 meses do PREC, onde o COPCON capitaneado por Otelo Saraiva de Carvalho tinha mandatos de captura passados em branco e assinados pelo Major Otelo.

Não podemos esquecer, nem esqueceremos nunca as ameaças do Major Otelo de prender na Praça de Touros do Campo Pequeno todos os que tivessem a ousadia de levantar a voz contra o PREC, chamados de reacionários, contra-revolucionários e fascistas, para obviamente os fazerem desaparecer que é, como bem sabemos, o que se passa nas ditaduras comunistas.

Não podemos esquecer, nem esqueceremos nunca as FP 25 Abril, Forças Populares 25 de Abril, grupo terrorista com as mãos manchadas de sangue do povo Português, liderada, mais uma vez, por Otelo Saraiva de Carvalho.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

O Partido Chega é o Partido da Direita Democrática Portuguesa. Não iremos permitir nunca que reescrevam a história de Portugal.

Os 19 meses em que durou o PREC são porventura um dos períodos mais negros da nossa gloriosa história.

A 3ª República iniciada em 25 Abril de 1974 tem sido um pesadelo para o nosso povo. A classe política, principalmente das esquerdas e extrema-esquerda, apoderou-se do Estado e tem vindo a praticar uma autêntica revolução cultural.

Os Territórios Ultramarinos foram entregues às forças apoiadas pela URSS, não assegurando uma verdadeira transição democrática para esses povos que de imediato se viram a braços com intermináveis guerras fratricidas, nem pelos interesse económicos de Portugal e muito menos pelo devido respeito aos Portugueses que residiam nesses territórios sob administração Portuguesa e que de lá se viram escorraçados, sendo recebidos em Portugal Continental pior que os migrantes do Norte de África que hoje desembarcam clandestinamente nas nossas praias de onde outrora saíram as Caravelas que, citando Luís Vaz de Camões:

"Que da Ocidental praia Lusitana
Por Mares Nunca Dantes Navegados
Passaram Inda Além da Taprobana
em Perigos e Guerras Esforçados
Mais do que Prometia a Força Humana
E Entre Gente Remota Edificaram
Novo Reino que Tanto Sublimaram".

Sim, um dos períodos mais áureos da nossa história e que o Partido Chega quer lembrar para sempre.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

E o que dizer de toda a corrupção e compadrio que esta 3ª República nos tem mostrado?

Estamos fartos de quem nos tem roubado e menosprezado nestes 48 anos.

Queremos viver em democracia, num Estado de Direito Democrático, onde todos tenham os mesmos direitos e deveres.

Queremos viver num país onde os criminosos paguem pelos seus crimes.

Queremos viver num país onde as nossas crianças possam aprender fora da formatação Marxista imposta nas escolas do Estado.

Queremos viver num país onde as pessoas possam andar pelas ruas em completa segurança como acontecia outrora.

Queremos viver num país onde as forças de segurança e da ordem sejam respeitadas e reconhecidas pelo meritório trabalho que desenvolvem, pondo tantas vezes a sua vida em risco a troco de um mísero salário e de muito desprezo.

Queremos viver num país onde a solidariedade chegue primeiramente aos Portugueses que dela realmente necessitam.

Queremos viver num país onde todos paguem impostos justos e onde não haja fome, miséria e corrupção.

Queremos viver num país onde a separação dos poderes Legislativo, Executivo e Judicial e a comunicação social seja uma realidade e não, como hoje acontece, controlada pelo partido do governo.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Pensamos que o país que sonhamos não cabe nesta 3ª República que está ferida de morte.

Queremos uma 4ª República Justa, Democrática, Patriótica e Nacionalista e que seja instituída de forma democrática pela vontade do povo, ao invés do que aconteceu com a 1ª, 2ª e 3ª Repúblicas que foram impostas pela força das armas.

Termino com o poema "O Infante" de Fernando Pessoa:

"Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.

Deus quis que a terra fosse toda uma,

Que o mar unisse, já não separasse.

Sagrou-te e foste desvendando a espuma.

E a orla branca foi de ilha em continente,

Clareou correndo até ao fim do mundo,

E viu-se a terra inteira, de repente,

Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou criou-te. Português.

Do mar e nós em ti nos deu sinal

Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.

Senhor, falta cumprir-se Portugal!"

Viva o 25 de Abril de 1974

- Representante do Grupo Municipal do **Partido Social Democrata (PSD)**, Deputado João Carlos Dias dos Santos;



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ



25 de Abril de 1974, o fim da Ditadura, o regresso da Liberdade, uma segunda oportunidade para a Democracia e para Portugal.

Poderá nos parecer estranho esta linha de pensamento, pois, como é possível conceber que algo tão fundamental, tão basilar e primordial, se possa compadecer de segundas oportunidades para que se veja verdadeiramente valorizada. O Valor da Liberdade, se assim poderemos mencionar, está refletido nas nossas ruas, na nossa convivência quotidiana junto dos nossos coetâneos e conterrâneos, nos seus rostos, nas suas palavras e nos seus afetos.

No respeito entre as pessoas, na admiração dos bons exemplos, na criança, que brinca livre no parque sobre o olhar atento dos avós, que viram de perto a Ditadura e que na época sob o olhar distante junto ao limiar, ambicionavam algo mais. Algo diferente, algo que tardava, mas que chegou naquela madrugada de Abril, algo que mudaria a História e que faria com que essa fosse hoje, a nossa História.

Uma História de Liberdade, de reconhecimento dos erros praticados, da necessidade de um novo caminho trilhado de forma livre e plural, na convergência maior de todas as vontades que personificassem a determinação e o espírito do Povo Português. Passados quase 50 anos, percebemos que Abril não foi assim há tanto tempo, e que os filhos da Ditadura, acolhidos pela Liberdade, juntam-se aos filhos nascidos desta última, unidos por um país, mais justo, por um país mais solidário, onde possamos todos ambicionar o desenvolvimento das nossas capacidades e potencialidades humanas, preservando os fundamentos Constitucionais do Estado Português e assim garantir as oportunidades e qualidade de vida a que todos e de forma livre, temos direito.

No entanto, esta Liberdade está ameaçada, porque esquecemos os motivos pelos quais fomos conduzidos até à Ditadura. Uma Primeira República embutida de uma vontade reformista indomável, em prol do progresso pátrio, mas instável na sua estrutura, tendo definhado para a corrupção, sem conseguir dar as respostas necessárias que a população Portuguesa ambicionava.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Hoje, como outrora, este é o grande inimigo da Liberdade: a corrupção.

A corrupção que estrangula, que destrói sonhos, que mata o mérito, a corrupção alimentada pelo compadrio, pelo amiguismo e pelo correligionarismo que brota do Cartão Partidário. A corrupção que impede durante anos a concretização do potencial de cada um, a corrupção que no entanto, permite que empresas e instituições bancárias sejam perdoadas das suas obrigações, fazendo Fé no Estado, que somos todos nós, para a resolução das suas más opções de planeamento e gestão e no processo condicionando os sonhos e a vida de mais gerações de Portugueses.

Presentemente, vivemos há mais dias em Liberdade do que vivemos na Ditadura, um pequeno grande passo para um Portugal que necessita mais do que nunca, de estimular a meritocracia, uma vez que esta dá respostas e contribui para solucionar muitos dos problemas sociais aos quais estamos afetos. E num Mundo cada vez mais adverso às consequências naturais da Liberdade, como é a Democracia, ameaçada por conflitos desumanos tal como a Guerra da Ucrânia, temos que ter presente um pensamento fundamental: só seremos verdadeiramente livres quando o local onde vivemos nos permita sonhar, viver, concretizar e deixar para futuro o sentimento absoluto da Justiça e Igualdade entre todos os Portugueses.

Só assim será cumprido Abril.

Viva o 25 de Abril!

Viva a Democracia!

Viva a Liberdade!

- Representante do Grupo Municipal do **Partido Socialista (PS)**, Deputado Carlos Manuel Pontes Costa;

Exmo. Sr. Presidente, da Assembleia Municipal de Loulé
Exmo. Sr. Presidente, da Câmara Municipal de Loulé
Exmo. Srs. Deputados, à Assembleia da República



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Exmo.(s) Srs. Deputados, à Assembleia Municipal de Loulé e Sr. Presidentes das Juntas de Freguesia do concelho de Loulé
Exmo.(s) Srs. Vereadores, da Câmara Municipal de Loulé
Exmo. Sr. Dr. Carlos Albino, nosso ilustre convidado
Ilustres autoridades civis e militares
Caras e caros concidadãos

Celebramos hoje o 48º oitavo aniversário do 25 de abril de 1974.

Celebramos hoje, aquela “madrugada” tão esperada, esse dia “inicial inteiro e limpo, onde emergimos da noite e do silêncio”.

Essa era a noite em que encerravam “os de livre pensamento”, era a noite em que partiam, não “por vontade nem por gosto” os que deixavam a sua terra, “indo por terras de França com a pobreza na lembrança” “a trabalhar o dia inteiro a construir cidades para os outros”, essa a era “a noite que crescia por dentro dos homens do meu país”, e era também o silêncio, esse silêncio que teimava em persistir, que calava o sofrimento daqueles que choravam “o soldadinho que não” voltava do “outro lado mar”.

Mas foi nessa madrugada tão esperada que, cumprindo a trova dos poetas que “mesmo na noite mais triste, em tempos de servidão” valia a pena resistir e dizer não, que da noite se fez luz dando início a esse dia inicial inteiro e limpo.

Celebramos hoje, 25 de abril de 2022, também um novo dia inicial, o primeiro abril em que vivemos mais tempo em democracia do que em tempo de ditadura.

Em Portugal, vivemos um tempo de urgência, em torno de grandes desafios, facto que nos deve convocar para uma reflexão mais profunda no sentido de encontrarmos os melhores caminhos ou as melhores respostas que tais desafios exigem.

Desde logo, a contínua e até galopante abstenção da população nos atos eleitorais, o afastamento entre eleitos e eleitores, o aparente desinteresse ou um certo alheamento dos mais jovens pela política, factos que nos preocupam e que nos devem mobilizar para contrariar tais aspetos, uma vez que a democracia só é plena se todos participarem no seu processo de desenvolvimento.

Por outro lado, e ainda no plano interno, vivemos muito obcecados pela chamada “tirania da aritmética” ou do “pragmatismo político”, situação que, não sendo nova, acentuou-se nos últimos anos, muito propagandeada por uma certa comunicação



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

social e por uma certa elite política de direita. Tal “tirania da aritmética” em que só os números parecem fazer sentido, ideia que alguns querem fazer passar a todo o custo e que a escondem no conceito de “pragmatismo político”, enfraqueceu os laços sociais entre as comunidades, criou desigualdades e enfraqueceu a justiça social em vez de levar ao seu aprofundamento, enfraqueceu os valores da solidariedade, da fraternidade, do humanismo, parecendo querer deixar cada um à sua sorte, um pouco na velha tradição de Esparta onde só alguns é tinham direito a ser felizes. Como afirmou não há muito tempo atrás, o antigo Presidente da República Jorge Sampaio, “há mais vida para além dos números”!

Esta tirania da aritmética escondida no conceito de pragmatismo político, muito do gosto de uma certa direita, como já referido, tem conduzido a uma evidente crise do contrato social e das relações laborais e tem gerado movimentos populistas cujos promotores são, na grande maioria dos casos, aqueles que mais têm contribuído para a afirmação dos interesses individuais em detrimento dos interesses coletivos das populações.

Um terceiro aspeto que nos deve preocupar é uma aparente indiferença cívica, pelo menos em Portugal, face aos grandes problemas globais que a humanidade enfrenta, como são a pobreza, a fome e os desafios climáticos e que nos remetem para a promoção de uma atitude mais amiga do ambiente, desde os pequenos gestos até aos mais ousados, sabendo que estes podem colidir com o nosso modo de vida de grandes predadores dos recursos naturais. Urge refletir se este é o caminho certo, pois um pouco por todo o mundo esgotamos em poucos meses os recursos que deveriam dar para um ano inteiro.

E se nós estamos a esgotar os recursos que não nos pertencem, alguém vai ficar sem os seus recursos, acentuando-se assim a fome à escala mundial, situação que depois de um abaixamento considerável até 2019, voltou a disparar em 2020 e em 2021, muito por via da pandemia COVID19 mas também porque os atos bélicos em todo o mundo estão numa escalada muito acentuada. Tais guerras, como no passado, são motivadas pela exploração dos recursos naturais e pelos interesses económicos a que recentemente se juntaram os nacionalismos exacerbados, a xenofobia e a intolerância religiosa.

Retomando o ideário de abril, é bom lembrar que o 25 de abril trouxe a liberdade, a democracia, os Direitos Sociais e o respeito pela condição humana numa perspetiva mais geral dos direitos humanos. Mas também trouxe a Escola para Todos,



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

terminando com décadas de analfabetismo e colocando-nos na rota das nações mais desenvolvidas em termos de conhecimento e investigação.

O 25 de Abril também nos trouxe a Saúde para Todos, universal, não fazendo diferenças entre pobres e ricos, entre velhos e novos, dando-nos a possibilidade de acedermos gratuitamente aos hospitais e aos centros de saúde, como demonstrou o nosso Serviço Nacional de Saúde durante a atual crise pandémica.

Em 1989, Jorge de Sena escrevia, “Não hei-de morrer sem saber qual a cor da liberdade”!

Hoje que já temos mais tempo de democracia do que de ditadura, podemos todos dizer que não morreremos sem saber qual é essa cor, a cor da liberdade, mas não temos por garantido que “os netos e os bisnetos daquela madrugada” o possam afirmar, porque se o abril que comemoramos é um “abril já feito e por fazer”, como escreve Manuel Alegre, cumpre manter e melhorar o feito, desde o Serviço Nacional de Saúde, à Escola Pública ou ao sistema de Segurança Social, no quadro de um Estado que continue a garantir os direitos sociais como parte dos Direitos Humanos Universais.

Um Estado Social que urge cumprir abril na sua plenitude designadamente na habitação condigna para todos. A este respeito convém assinalar que o parque habitacional português melhorou de forma considerável desde 1970, ano em que mais 36% de alojamentos familiares não tinham eletricidade, cerca de 42% não possuíam esgotos e que quase 50% não tinham água canalizada.

Muito está ainda por fazer, até à efetiva erradicação total da pobreza e do risco de exclusão social. As portas que abril abriu permitem-nos olhar para o passado com o distanciamento necessário para, vivendo o presente em liberdade, saber o que ainda não foi conseguido para garantirmos a salvaguarda do futuro.

Este é um abril em que as nuvens de esquecimento do que custou a liberdade ameaçam Portugal e o mundo.

Hoje não somos mais um país isolado das organizações internacionais, pelo contrário, somos um País muito procurado e muito respeitado de tal forma que são portugueses o Secretário-Geral da Nações Unidas e o Diretor-Geral da Organização Internacional para as Migrações.

Hoje não somos mais um país onde grassava o analfabetismo em que 1 em cada 4 portugueses não sabia nem ler nem escrever e a esmagadora maioria completava apenas o 4.º ano de escolaridade.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Com efeito, em 1974 apenas 67 mil jovens frequentavam a universidade e no ano de 2021 eram cerca de 412.000 os jovens que se encontravam inscritos no ensino superior e estima-se que, atualmente, a população ativa com o ensino superior em Portugal seja cerca de 1,7 milhões de pessoas.

Hoje já não somos mais um país onde morriam 58 crianças por cada 1000 que nasciam, no primeiro ano de vida.

Hoje somos um país com um dos mais baixos índices de mortalidade infantil em todo o mundo e que conseguiu prolongar as nossas vidas por mais de 13 anos, de 68 anos em 73, para 81 anos em 2019.

Hoje, neste abril de 2022, a guerra regressou à Europa, mais propriamente à Ucrânia, provocando a destruição, a morte e a migração forçada de milhões de pessoas.

Todos devemos contribuir para por termo à invasão que aquele país sofreu, num movimento a favor da paz, e isso o nosso país e o nosso concelho têm contribuído de forma muito evidente no acolhimento e na instalação das famílias ucranianas refugiadas, numa onda solidária que nos deve orgulhar e nos remete para os valores da solidariedade internacional entre os povos.

Quem melhor do que nós que viveu durante cerca de 13 anos uma guerra colonial que ceifou milhares de vidas, causou milhares de feridos e que levou à emigração em massa de milhares de homens e rapazes, para perceber os horrores que afetam hoje as populações de países como a Ucrânia ou como o Afeganistão, a Síria, a Palestina, o Iémen ou Myanmar.

Agora, como antes, só o respeito pelo princípio da igualdade de direitos e da autodeterminação dos povos, e do respeito pelos direitos do homem e pelas liberdades, plasmados na Carta das Nações Unidas permitirá o fim do conflito e uma paz duradoura.

Viva o 25 de abril!

Viva Portugal!

Usou da palavra, o Senhor **Presidente da Câmara Municipal de Loulé**, Vítor Aleixo;



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

“Cumpre-se hoje mais um aniversário do acontecimento mais marcante do Portugal Contemporâneo. Tão marcante que só há poucos dias é que assinalamos o momento em que Portugal, sem interregnos, soma mais dias de Democracia que vida em período de Ditadura. Isto significa que as gerações mais jovens já não passaram pela experiência dos seus pais e avós e nem conheceram o que é viver numa sociedade sem democracia e liberdade. Daí a importância de comemorar o 25 de abril de 1974 para que a memória não se dilua num presente hiperinformado, mas de vínculos cada vez mais ténues com as experiências do passado.

Fez, pois muito bem, o senhor Presidente desta Assembleia ao dirigir um convite para neste momento solene podermos ter a felicidade de ouvir na primeira pessoa, o nosso conterrâneo e amigo Carlos Albino, um dos protagonistas da madrugada libertadora que aos microfones da Rádio Renascença se responsabilizou por passar a senha para o golpe em marcha.

Uma vez mais Carlos Albino, obrigado a ti, e à tua geração por terem tido a coragem de em condições muito difíceis ousarem afrontar a Ditadura salazarista do Estado Novo e terem conseguido devolver a dignidade de uma vida em Liberdade a um povo que durante 48 anos foi oprimido à força e privado dos seus mais elementares direitos humanos.

Como escreveu o reputado historiador, Eric Hobsbawn, “Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que viveu”. É neste quadro de preservação e cultura da memória que devemos enquadrar as celebrações do 25 de abril para que nos possamos manter sempre, absolutamente fiéis ao acontecimento e seu simbolismo.

A Revolução do 25 de abril, como bem sabemos, apresentou um programa de três pontos: Democratizar, Descolonizar e Desenvolver.

Olhando para trás, quase cinquenta anos depois, seria difícil não reconhecer que as metas propostas foram razoavelmente atingidas ainda que isso não signifique que Portugal, e o Mundo, estejam bem. Não, não estão, mas estamos melhor. Todos concordamos hoje que existe um mal-estar latente com geografias diversas e que afetam o mundo todo, incluindo nós, naturalmente.

Há mais riqueza produzida, mais tecnologia, mais conhecimento? Sim, mas persistem as desigualdades económicas e sociais e a fome e a subnutrição estão longe de ser erradicadas e são o dia-a-dia trágico de muitos milhões de seres humanos.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

O Desenvolvimento, um dos 3 D's do nosso 25 de abril, em 50 anos, trouxe-nos mais bem estar e felicidade mas atualmente é convicção de muitos que assenta num modelo económico que se esgotou, que precisa de ser repensado, para que deixe de ser uma enorme máquina de exclusão social, com produção acelerada de pessoas e famílias pobres, sem acesso a uma habitação condigna, a cuidados de saúde e educação decentes e também à fruição de bens culturais que tanta felicidade trazem a todos os indivíduos que a eles acedem.

O desenvolvimento que, como sabemos, está muito longe de se reconduzir apenas ao crescimento económico, levanta hoje os problemas do aquecimento global que nos colocam perante opções tão imperativas quanto difíceis que urge assumir. É com esta consciência que o Município de Loulé está fortemente implicado em acompanhar o mundo seguindo a Agenda 2030, proposta pelas Nações Unidas em 2015. Temos a satisfação de vos comunicar que todo o trabalho feito na autarquia é monitorizado, com avaliações e métricas quantitativas à luz dos 17 ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável).

O D. da Descolonização que a revolução democrática do 25 de abril tornou possível abriu o caminho para o regresso ao espaço económico e cultural que na verdade só imaginariamente alguma vez havia deixado de ser o nosso lugar natural.

Assim, a descolonização foi para nós, também, esse bem maior através do qual recuperámos a dignidade e deixámos de escravizar outros povos, abrindo uma nova época de relações assentes na cooperação e respeito mútuo. No nosso concelho bem sentimos as ondas de choque de uma descolonização que foi rápida e bem-sucedida, comparativamente com outros países europeus, mas que, é justo lembrar, deixou sequelas traumáticas para muitos dos nossos concidadãos hoje felizmente plenamente integrados e parte importante da nossa comunidade local, em Quarteira e Loulé, sobretudo.

Graças à Revolução dos Cravos um Estado corporativo e fascista assente na Constituição de 1933, deu lugar a um Estado de direito democrático assente numa Constituição aprovada em 1976.

Veio a democratização do país e os avanços e progressos foram extraordinários e não têm parado desde então.

Em dia de celebração da Liberdade e do 25 de abril permitam-me que teça algumas considerações sobre o estado da nossa Democracia.

É inegável que quer enquanto técnica de governo quer como forma de legitimação dos que são chamados ao exercício de funções políticas a Democracia já conheceu melhores dias e isso deve-nos obrigar a uma reflexão profunda, sem medos.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Não podemos continuar a assobiar para o lado quando todos somos testemunhas que sucessivos programas políticos se sucedem na governação de vários países democráticos e os problemas das pessoas não encontram respostas satisfatórias em tempo útil.

Erupções regulares de grande conflitualidade social, violência urbana, aumento exponencial de pessoas sem abrigo por essa Europa fora, racismo, intolerâncias étnicas e religiosas, violência de género, insegurança, burocracia pesada e opacidade dos serviços do Estado associados a fenómenos de corrupção, desregulação climática e guerras; não faltam exemplos de sinais da crise que estão a submeter a Democracia a dura prova. A fim de enfrentarmos a onda populista e os extremismos de direita que se perfilam e não param de crescer, talvez que seja mais que tempo de os democratas romperem com o que sabem estar a corroer os alicerces do melhor modelo político que a civilização humana alguma vez foi capaz de criar. As disfuncionalidades dos regimes democráticos terão que ser resolvidas dentro da própria Democracia, não tenhamos dúvidas!

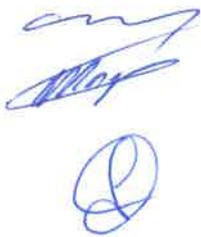
Diz Daniel Innerarity na sua obra “Uma Teoria da Democracia Complexa” – “Em sociedades de extrema complexidade, a política já não domina do alto de uma ordem hierárquica, primado que lhe é disputado pelo sistema económico-financeiro e mesmo pelos meios de comunicação”.

Talvez que o problema resida aqui mesmo na transição silenciosa do primado da política para o sistema económico-financeiro e para os meios de comunicação que são poderes não eleitos e sem qualquer carácter representativo da soberania popular. Admitimos que no plano local temos o dever de dar contributos para a recuperação do prestígio da Democracia. E dou nota que as nossas políticas municipais de habitação, apoio social a famílias e pessoas em estado de carência ou privação, a promoção com investimentos fortes no Desporto, na Educação, na Saúde e na Cultura, assim como numa economia sustentável são as ferramentas ao nosso dispor que usamos sempre com toda a intencionalidade.

Deixem-me que, agora, a terminar vos dirija umas palavras sobre a Guerra na Ucrânia. É impossível celebrar o 25 de abril sem falar dessa tragédia inenarrável que nos entristece e revolta.

Não que julgássemos impossível, porque, bem vistas as coisas, conflitos armados entre países ou dentro de países foram uma constante ao longo das últimas décadas. Mas não esperávamos!

Porque a verdade é que a Europa desde as duas guerras mais devastadoras e hediondas que a humanidade já conheceu, viveu um relativo longo período de paz de



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

mais de 50 anos. Já estávamos habituados, no fundo não acreditávamos que um tal grau de violência, destruição e morte voltasse a acontecer. A Federação Russa merece ser condenada por ter levado uma guerra tão devastadora a um povo vizinho com o qual partilha em irmandade uma história e uma cultura de muitos séculos de existência.

São mortes incontáveis, cidades arrasadas, milhões de pessoas em fuga sem eira nem beira.

Não deixa de ser perturbador que num quadro de destruição e morte se dê tanto eco a vozes provenientes da Ucrânia, e não só, que reclamam por mais armas quando o exetável seria apelar à contenção da espiral da Guerra que tanto sofrimento já provocou e continuará a provocar, enquanto não cessarem as hostilidades e começarem a dialogar para restabelecer a paz o mais breve possível. Numa guerra não há vencedores e nesta podemos estar a um passo de um holocausto nuclear.

Haja bom-senso!

Evite-se a loucura!

As Nações Unidas, António Guterres, o Papa Francisco, outras autoridades religiosas e todos os homens e mulheres de boa vontade neste mundo estão mobilizados, mas é preciso fazer-se mais e pressionar as partes beligerantes. Esse é o único caminho realista.

Termino citando Richard Zimler que no Público de 4 de abril escreveu as seguintes palavras:

“Haverá muito tempo para oferecer teorias sobre o que a Ucrânia e o Ocidente podiam ter feito para evitar este conflito quando a guerra terminar e os mortos estiverem enterrados. Mas este não é o momento. Este é o momento da empatia e da solidariedade – de ajudar ativamente os ucranianos enquanto lutam pela sua própria sobrevivência.”

Como nós em Loulé fazemos, acrescento eu!

Por fim usou da palavra, o Senhor **Presidente da Assembleia Municipal de Loulé**, Carlos Jorge Silva Gomes.

"Obrigado, Sr. Presidente,

Estamos a aproximarmo-nos do final da nossa Sessão Solene Comemorativa. Cabe-me proferir umas breves palavras de encerramento, antes do Hino Nacional.



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Irei fazer uso de textos e ideias já expressos por mim, nesta Assembleia, nomeadamente na tomada de posse, mas faço-o porque há questões que nunca é demais sublinhar.

O Poder Local foi uma das grandes conquistas do 25 de Abril e constituiu-se, efetivamente, como um dos pilares da nossa democracia, sendo aquele que mais próximo está das populações e das suas necessidades, expectativas e anseios.

As Assembleias Municipais têm reforçado a sua intervenção ativa na defesa dos interesses dos municípios e, com o processo de transferência de competências e da já anunciada intenção de regionalização, verão aumentar a sua intervenção e o seu papel fiscalizador, na mesma medida que aumentem as competências dos executivos municipais.

A nossa democracia não seria a mesma sem a participação dos milhares de **autarcas** que têm trabalhado para a sua consolidação no nosso País, e sem a contribuição dos milhares de profissionais que desempenham funções nos diferentes órgãos autárquicos.

O desencanto pela vida política e a atividade partidária por parte de muitos cidadãos, seria ainda maior se não fosse o trabalho desenvolvido pelo poder local, aquele que mais próximo está das populações.

O poder autárquico desempenha um papel determinante no que concerne à participação ativa dos cidadãos na vida pública, bem como na afirmação dos valores comunitários, ao contrariar diariamente uma sociedade cada vez mais individualista.

O poder autárquico não permanece, nem pode permanecer, pela sua essência, indiferente aos problemas das populações, sendo também um exercício permanente de integração e de aceitação da diferença das várias comunidades, das várias visões sobre a sociedade e dos vários interesses em jogo no tecido social.

Graças ao trabalho de centenas de autarcas do nosso Município, ao longo de quase 50 anos, o Concelho de Loulé encontra-se na vanguarda da qualidade de vida, não só no contexto regional, mas também em termos nacionais.

Mas ainda temos muito para fazer e temos de continuar a fazer tudo o que está ao nosso alcance para que assim se mantenha e aproveitar todas as oportunidades, desde os fundos comunitários, ao PRR, à revisão do PDM como instrumentos para resolver problemas prementes de habitação para os que vivem e trabalham no nosso Concelho, criar bases sustentáveis de desenvolvimento económico e social para os próximos anos e de diminuição acentuada das assimetrias entre litoral e interior.

Ao fazê-lo, estaremos certamente a cumprir Abril!...

Muito obrigado!



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

Após a audição do Hino Nacional, pelo Grupo Musical Musi Kid, Pelas doze horas e trinta minutos, o Senhor **Presidente da Assembleia Municipal, Carlos Silva Gomes**, deu por encerrada a sessão;-----

O teor das intervenções são anexas a esta Ata, dela fazendo parte integrante. -----

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA

Carlos Silva Gomes

A 1ª SECRETÁRIA

Joana Conceição

O 2º SECRETÁRIO

Fernando Pereira Marques